

CORPO EDITORIAL

Editora-chefe

Magali Milene Silva, Universidade Federal de São João del Rei, Brasil

Comissão editorial

Fuad Kyrillos Neto, Universidade Federal de São João del Rei, Brasil

Douglas Nunes Abreu, Universidade Federal de São João del Rei, Brasil

Maria Glaucia Pires Calzavara, Universidade Federal de São João del Rei, Brasil

Roberto Pires Calazans Matos, Universidade Federal de São João del Rei, Brasil

Wilson Camilo Chaves, Universidade Federal de São João del Rei, Brasil

Editoras associadas

Elizabeth Fátima Teodoro, Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Helena de Almeida Cardoso Caversan, Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Editores assistentes

Ariel Campos Pinto, Universidade Federal de São João de-Rei, Brasil

Gabriel Marcos da Silva, Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Talita Martins Ferreira, universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Tatiane Regina Assis Sousa, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Tiago Cristiano Alves, Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Vanessa Ayres Tibiriçá, Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

CONSELHO CONSULTIVO

Angélica Bastos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Bianca Novaes, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Christian Dunker, Universidade de São Paulo, Brasil

Cláudio Oliveira, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Daniel Menezes Coelho, Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Graciela Haydée Barbero, Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ian Parker, University of London – Birkbeck, Reino Unido

Jacqueline Oliveira Moreira, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

João Luiz Paravidini, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Léa Silveira, Universidade Federal de Lavras, Brasil

Maurício d'Escragnolle, Universidade Federal do Paraná, Brasil

Oswaldo França Neto, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Raul Pacheco Filho, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Richard Simanke, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Rosane Zétola Lustoza, Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Suely Aires Pontes, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Susane Zanotti, Universidade Federal de Alagoas, Brasil

PARECERISTAS Ad hoc

Ana Carolina do Rosário Correia – Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Ana Luiza Xavier Lelles – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Bruno Bones Valdo da Costa – Universidade de São Paulo, Brasil

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato – Universidade de Brasília, Brasil

Daniele França – Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Danilo Martins Vitagliano – Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Dayane Costa de Souza Pena – Centro Universitário Doctum, Brasil

Fabiano Chagas Rabêlo – Universidade Federal do Ceará, Brasil

Gabriela Pires Menezes Feijó – Universidade Federal de Roraima, Brasil

Gisele Freire – Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Ismael Leonardi Salaberry – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Jacqueline de Oliveira Moreira – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lara Leal Félix Simões – Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Larissa Magalhães Guedes – Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Lucas Valiati – Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Luísa Aparecida Costa – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Marcos Ferreira de Paula – Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Mariele Valéria Guedes de Vargas – Universidade de Passo Fundo, Brasil

Matheus Felipe Mendes de Sá e Silva – Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Morgana Ieda Vanelli – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Nayara Paulina Fernandes Rosa – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Nuria Malajovich Munoz – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Olívia Loureiro Viana – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Rodolfo Rodrigues Machado – Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Saymon da Silva Siqueira – Universidade Federal de Goiás, Brasil

Victória Kniest – Universidade Nove de Julho, Brasil

APOIO



CONTATO

Endereço

Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ – Campus Dom Bosco), R. Padre João Pimentel,
80 – Dom Bosco, São João del Rei – MG, 36301-158

Site: <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/about>

Email: analytica@ufsj.edu.br

EDITORIAL

Um ato clínico e político: a escuta insurgente em tempos de supressão do sujeito

Elizabeth Fátima Teodoro¹

Vivemos um tempo em que os discursos se multiplicam, colidem e se sobrepõem, mas nem sempre se escutam. Em meio ao ruído incessante da informação e das opiniões polarizadas, desenvolvemos uma espécie de surdez seletiva, em que as palavras são ouvidas, mas raramente absorvidas em sua complexidade. A multiplicidade de vozes à nossa volta, cada uma atravessada por marcas sociais, culturais e históricas, isto é, por experiências de classe, gênero, raça e biografias singulares, exige mais do que uma audição passiva. Ela clama por uma escuta que ultrapasse a superfície do enunciado para tocar o que se manifesta como sintoma, ruído, falha ou desejo.

Isso significa ir além do literal e prestar atenção àquilo que vaza pelas frestas da comunicação: o corpo que fala o que a boca cala; o saber que tropeça na meia verdade; a lógica que falha e entrega o conflito; o desejo que insiste em sua clandestinidade. Escutar, nesse sentido, não se resume ao ato fisiológico de ouvir. É, na verdade, um compromisso ético e ativo com aquilo que insiste em aparecer, com aquilo que escapa à normatividade dos sentidos e aponta para a porção mais autêntica do sujeito, aquela que não se acomoda e não pode ser contida em discursos prontos, em clichês ou em respostas fáceis.

A multiplicidade de vozes à qual nos referimos é, fundamentalmente, a pluralidade irreduzível das existências. Modos de sofrer, amar e desejar que desafiam as categorias hegemônicas de inteligibilidade que encaixotam o humano. São vozes que não falam nos palcos principais, mas que emergem nos interstícios da linguagem, nas brechas dos dispositivos normativos, nas pequenas e grandes resistências cotidianas. Muitas vezes, por não se alinharem ao esperado, essas manifestações singulares são simplesmente apagadas, ignoradas como irrelevantes, ou pior, são patologizadas: transformadas em doenças, síndromes e transtornos, tratando uma expressão de sofrimento legítimo como uma falha individual. São também vozes que carregam acentos, silêncios e ritmos distintos – territórios falantes que escapam ao uníssono da norma.

Judith Butler (2016), ao refletir sobre a performatividade do gênero e os regimes de inteligibilidade, em *Problemas de gênero*, alerta para os riscos dos enquadramentos normativos que determinam quais vidas podem ser vividas e quais vozes merecem ser escutadas. Nesse mesmo sentido, Homi Bhabha (1998), em *O local da cultura*, mostra-nos que o hibridismo cultural produz zonas de indeterminação que desestabilizam os discursos coloniais de identidade. Jacques Rancière (2005), em *A partilha do sensível*, por sua vez, propõe que a

¹ Psicóloga, graduada pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG-Divinópolis). Mestra e doutoranda em Psicologia, na linha de pesquisa Fundamentos Teóricos e Filosóficos da Psicologia, pela Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ (São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil). Especialista em Gestão em Saúde Mental pela Universidade Cândido Mendes (Ucam). E-mail: elektraliz@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0977-7265>

política se inaugura no momento em que aqueles que não têm voz, ouvidos ou lugar, falam e deslocam a partilha do sensível.

Essas contribuições nos ajudam a escutar essas vozes não apenas como diferenças, mas como potências disruptivas, como interrogações do próprio campo do simbólico. Nesse ponto, a psicanálise, especialmente em Lacan, ao longo de sua obra, oferece uma chave fundamental: a linguagem funda o sujeito, sim, mas não o encerra. O simbólico nunca dá conta do real – há sempre um resto, uma falha, algo que escapa à cadeia significativa e que, justamente por isso, aponta para a singularidade radical de cada sujeito. Ainda que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem, como afirma Lacan, ele não se reduz à sua gramática.

É nesse furo, nesse ponto de opacidade, que o sujeito insiste, tropeça e se manifesta. E é na consideração dessa diversidade que se abre a possibilidade de um *espaço ético de escuta*. Mais do que acolher a pluralidade, trata-se de escutá-la em sua radical alteridade. Essa escuta não se realiza pela empatia superficial ou pelo reconhecimento do mesmo, mas pela abertura ao que desloca e desestrutura. A psicanálise, nesse contexto, sustenta um diferencial potente: ela se constitui como uma prática que aposta no sujeito do inconsciente e, portanto, no que escapa, no que fura, no que insiste sem nome.

A escuta psicanalítica não corrige, não enquadra, não normaliza. Escuta o que falha como produção de sentido. Escuta o sintoma como saber que se repete porque não sabe o que sabe. Escuta o que não se cala, mesmo sem palavras. Acolher a multiplicidade não é organizá-la, é deixá-la soar, mesmo em dissonância. Por isso, as vozes que compõem este volume não se limitam a relatar experiências ou a discutir conceitos: elas vêm para instaurar perguntas, deslocar evidências, arranhar a superfície das certezas e convocar novas escutas. Assim, os textos propõem trânsitos entre clínica, teoria e vida social.

Em tempos de silenciamentos travestidos de saber técnico – em que, como aponta Christian Dunker (2021), em *Uma biografia da depressão*, emerge um modo de tratar o sofrimento que dispensa a coerência da história e seu horizonte de futuro, limitando-se a um retrato funcional do presente – o sujeito é frequentemente capturado por categorias empobrecidas e respostas imediatas. Dizemos “empobrecidas” porque um rótulo diagnóstico, embora por vezes útil, jamais dará conta da história, do contexto e da singularidade de quem sofre. E chamamos de “saber técnico” a tendência de oferecer uma resposta rápida demais – um medicamento, um protocolo, um aplicativo – sem o trabalho demorado e profundo de escutar a narrativa por trás da dor.

Diante disso, o gesto de parar para verdadeiramente escutar o sujeito torna-se um poderoso *ato de resistência*. É uma atitude política contra a maré da simplificação, da padronização e do apagamento das diferenças. É nesse campo de batalha simbólico que os textos aqui reunidos ganham sua maior relevância: não apenas por abordarem temas atuais, mas por se proporem corajosamente a desestabilizar verdades consolidadas, a tentar nomear o indizível, a tensionar categorias estanques e a apontar outras possibilidades de escuta e, consequentemente, de existência.

A edição que ora se apresenta oferece, assim, uma *cartografia singular de expressões do sofrimento*, da linguagem e do sujeito. Nesse ponto, o eixo que conecta todos os trabalhos

é, portanto, o gesto de interrogar os *limites do simbólico* – os limites da própria linguagem – e de se debruçar sobre tudo aquilo que escapa à nomeação: seja na experiência fragmentada do trauma, que quebra a capacidade de narrar; no vazio indescritível do luto; no silenciamento imposto por instituições; ou nas sutis formas de resistência subjetiva. Os artigos convidam à reflexão sobre a dualidade da linguagem, que ao mesmo tempo em que funda o sujeito, dando-lhe identidade e um lugar no mundo, também falha, tropeça e se reinventa no encontro com o outro e com o real. É nessa trama complexa entre fala e escuta, entre desejo e sintoma, que emerge a possibilidade de pensar clínica, cultura e política não como campos separados, mas como dimensões interligadas e inseparáveis da vida humana, atravessadas pelas mesmas tensões e potências que nos formam, movem-nos e nos definem.

Nessa perspectiva, propomos um percurso; um mergulho que parte das fronteiras mais visíveis da clínica e da política para chegar ao núcleo pulsante da linguagem e do sujeito. Nossa jornada começa no *front* da batalha contra o empobrecimento do sofrimento, no qual as vozes questionam as estruturas que tentam nos silenciar. É o que encontramos na reflexão sobre os impasses clínico-políticos que nos perguntam: estamos diante de um sofrimento psíquico ou de um transtorno mental? Essa mesma interrogação se expande ao analisarmos como o mal-estar contemporâneo se condensa nos diagnósticos de ansiedade, mostrando que o sintoma nunca é apenas individual, mas um eco de seu tempo. A crítica se aprofunda ao desvelar o não dito, como no ensaio sobre o pacto narcísico da cisgeneridade, que expõe como a norma se sustenta justamente por se recusar a ser nomeada, ferindo no ato mesmo de sua invisibilidade.

Mas o que acontece quando o sofrimento é tão profundo que a própria palavra vacila? Adentramos, então, o território do indizível, em que a escuta precisa se fazer ainda mais atenta. Exploramos os empecilhos do luto na infância, um olhar sobre o vazio deixado pelo silenciamento em rituais que excluem os pequenos. Testemunhamos, na vida e obra de Maya Angelou, como a arte se torna a via possível para a construção simbólica do trauma, transformando a ferida em narrativa. E confrontamos o limite último da simbolização ao investigar a persistência da guerra como uma manifestação radical da pulsão de morte, aquilo que no humano insiste em destruir o laço e o sentido.

Para entender essas fronteiras, é preciso mergulhar na própria engrenagem da linguagem, e aqui os artigos nos oferecem as ferramentas. Desvendamos a operação antifilosófica de Lacan, que situa o significante como o verdadeiro motor do sujeito, e vemos como a magia da palavra é inseparável de sua fal(h)a insistente, seu poder de criar e seu destino de fracassar em dizer tudo. Essa potência se revela em sua face mais dura na análise da linguagem injuriosa e dos limites do direito para reparar a ferida que a palavra pode abrir, e em sua face mais estruturante na análise de um mito da prostituição, que nos mostra como narrativas fundam lugares de desejo e subversão.

Finalmente, nosso percurso nos leva ao ponto mais sutil da escuta, onde o que importa não é apenas o que se diz, mas como se diz. Perseguimos o rastro do objeto pulsional na poesia de Hilda Hilst, na qual a palavra poética roça o impossível de nomear. E apuramos nossos ouvidos para as incidências da musicalidade da voz na clínica, esse som que, para além

do sentido, carrega o desejo e sustenta o laço transferencial, provando que a escuta mais radical é aquela que se atenta ao sensível que vibra entre as palavras.

Assim, os artigos aqui reunidos, com suas interrogações, deslocamentos e inquietações, reafirmam que a escuta é um ato de resistência e de aposta no sujeito. Esperamos que este conjunto de textos instigue novas perguntas e abra espaços de ressonância entre clínica, teoria e experiência social.

Escutar é resistir. E resistir, hoje, é deixar o sujeito falar – ainda que em silêncio, ainda que entre ruídos.

Boa leitura. E que ela incomode.

Referências

- Bhabha, H. K. (1998). *O local da cultura* (Trad. Ávila, M., Reis, E. L. L. & Gonçalves, G. R. E.). Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (11ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Dunker, C. (2021). *Uma biografia da depressão*. São Paulo: Planeta.
- Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível* (Trad. Costa Netto, M.). São Paulo: Ed. 34.

SUMÁRIO/ Summary

1. Editorial/*Editorial*
2. Um rastro de Objeto pulsional na Ode de Ariana para Dionísio de Hilda Hilst (1974/2018) / *A Trace of Drive Object in the Ode of Ariana to Dionysus by Hilda Hilst (1974/2018)*
3. Sofrimento psíquico ou transtorno mental?: Impasses clínico-políticos entre demanda e acolhimento / *Psychic Suffering or Mental Disorder?: Clinical-Political Deadlocks Between Demand and Reception*
4. O pacto narcísico da cisgeneridade: divagações psicanalíticas sobre a ofensa da nomeação / *The Narcissistic Pact of Cisgenderity: Psychoanalytic Reflections on the Offense of Naming*
5. O mal estar contemporâneo e os transtornos de ansiedade: aprofundamento psicanalítico sobre a crescente dessa categoria de diagnóstico e sua relação com aspectos culturais da atualidade / *The Contemporary Malaise and Anxiety Disorders: A Psychoanalytic Deepening on the Rise of This Diagnostic Category and Its Relation to Cultural Aspects of Today*
6. Elaborações e empecilhos do luto na infância: estudo de produções textuais psicanalíticas entre 2020 e 2024 / *Elaborations and Obstacles of Childhood Grief: A Study of Psychoanalytic Textual Productions Between 2020 and 2024*
7. A operação antifilosófica da teoria do significante em Lacan / *The Anti-Philosophical Operation of the Theory of the Signifier in Lacan*
8. “Uma prostituta abre a porta do quarto e encontra o pai”: análise estrutural de um mito da prostituição feminina dita de luxo / *“A Prostitute Opens the Bedroom Door and Finds Her Father”: A Structural Analysis of a Myth of So-Called Luxury Female Prostitution*
9. Correlações entre a pulsão de morte e a guerra à luz da transição para a segunda tópica freudiana / *Correlations Between the Death Drive and War in Light of the Transition to Freud’s Second Topography*
10. Incidências da Dimensão de Musicalidade da Voz frente à Transferência na Clínica Psicanalítica / *Incidences of the Dimension of Voice Musicality in Relation to Transference in Psychoanalytic Practice*
11. A magia empalidecida e a fal(h)a que insiste: tramas da linguagem e restos do Real na psicanálise / *The Faded Magic and the Insistent (Mis)Take: Language Plots and Leftovers of the Real in Psychoanalysis*
12. Performatividade da linguagem injuriosa e os limites do reconhecimento jurídico como resposta ao discurso de ódio / *The Performativity of Injurious Language and the Limits of Legal Recognition as a Response to Hate Speech*
13. A Construção do Trauma na Vida e Obra de Maya Angelou (1928–2014) / *The Construction of Trauma in the Life and Work of Maya Angelou (1928–2014)*